

Inédito no Brasil, exame realizado pelo Einstein pode antecipar diagnóstico de Alzheimer

O Einstein começou a realizar, em abril, um exame automatizado para o diagnóstico de Alzheimer. Oferecido pela Roche Diagnóstica, o teste Elecsys® CSF é capaz de avaliar de maneira simplificada e padronizada a dosagem de biomarcadores TAU e beta-amiloide no líquido, proteínas que têm associação com a doença, com resultados rápidos (em menos de 20 minutos) e de alta precisão.

No passado, as amostras de líquido coletadas pelo hospital eram enviadas para o exterior, levando de 6 a 8 semanas para os resultados. Mais recentemente, o Einstein já havia internalizado a análise do material, mas a realizava de forma manual, em até 10 dias.

Agora, com a automação, será possível simplificar o processo analítico, além de excluir interferentes por ser um sistema fechado de diagnóstico. A vantagem vai além dos muros da organização, já que seu laboratório também presta serviços para outros hospitais e laboratórios em todo território nacional.

De acordo com Ivan Okamoto, neurologista do Núcleo de Excelência em Memória (Nemo), do Einstein, cada vez mais se faz importante um diagnóstico preciso da Doença de Alzheimer. Isso porque, “se antes as intervenções mais efetivas junto a pacientes com doença inicial não existiam, atualmente, os avanços da medicina vêm ampliando as possibilidades de tratamentos nesse grupo de pessoas”, comenta.

Os sintomas do Alzheimer se desenvolvem de forma progressiva, em geral começando com comprometimento da memória, seguido de deterioração em outras habilidades cognitivas, resultando em perda gradual da capacidade de realizar atividades da vida diária e impactando não só a memória, como a linguagem e a percepção do mundo. No Brasil, cerca de 1,2 milhão pessoas vivem com alguma forma de demência e 100 mil novos casos são diagnosticados por ano. Em todo o mundo, o número chega a 50 milhões de pessoas.

Embora o comprometimento cognitivo leve não seja determinante para o desenvolvimento de distúrbios neurodegenerativos progressivos, cerca de 35% dos pacientes que apresentam este fator evoluem para demência com traços de Alzheimer. A busca por um médico especialista e por um diagnóstico no momento certo é crucial para aconselhamento, planejamento de tratamento e cuidados mais adequados para cada fase da doença.

Fundação Arymax investe na filantropia colaborativa para alavancar a inclusão produtiva

Por Betânia Lins

Novas formas de ação coletiva têm surgido no Brasil, no campo do investimento social privado. É o que faz a Fundação Arymax ao aplicar o conceito de filantropia colaborativa para alavancar a causa da inclusão produtiva, com a qual trabalha desde 2019. Esse modelo tem se mostrado potente, sendo referência também na frente de apoio a organizações da comunidade judaica da Fundação.

A filantropia colaborativa consiste na ação conjunta entre organizações do terceiro setor e instituições públicas e/ou privadas que compartilham do objetivo de trabalhar por uma mudança social específica, em escala - que geralmente possui caráter sistêmico e alto grau de complexidade. Para isso, os envolvidos devem unir não apenas as suas capacidades financeiras, mas também suas forças e expertises. Segundo Vivianne Naigeborin, superintendente da Arymax, a colaboração é premissa de todas as iniciativas conduzidas pela Arymax. “Nossos investimentos são feitos em conjunto com outros financiadores. Olhamos o nosso apoio em uma perspectiva ampla, que acolhe outros atores do ecossistema com os quais temos sinergia, dentro dos princípios da filantropia estratégica – que converge com a colaborativa”, afirma. Ela se refere a uma atuação com base em evidências, monitoramento de resultados e avaliação contínuos, investimentos recorrentes e de médio prazo, visando ao ganho de escala, entre outros atributos.

“Há exemplos que ilustram a maneira como a Arymax aplica filantropia colaborativa. Um deles é o GOYN SP, aliança da Arymax com Instituto Aspen, outros quatro financiadores e mais de 80 organizações de base para promover a inclusão de 100 mil jovens da cidade de São Paulo no mercado de trabalho até 2030. Desenhada coletivamente e a partir das evidências científicas, a iniciativa mobiliza um grupo diverso para alavancar a causa. Outro exemplo é a JOI-Brasil, fruto da parceria da Arymax com o J-PAL, Nobel de Economia em 2019 e mais cinco instituições. A ação promove avaliações e levanta evidências que dão suporte a políticas públicas de inclusão produtiva. “São iniciativas que, ao identificarem uma lacuna do campo, mobilizam vários atores, beneficiam outros tantos e produzem conhecimento em todas as etapas de suas estratégias”, detalha Vivianne.

Para a Fundação Arymax, colaborar é um imperativo diante dos desafios que o país enfrenta, possibilitando à filantropia fazer mais e melhor.

A coluna ARYMAX, criada em homenagem a Antonietta e Leon Feffer, tem como objetivo disseminar iniciativas com comprovado impacto social positivo, apoiadas pela Fundação ARYMAX, em prol do fortalecimento das organizações da comunidade judaica e da sociedade brasileira.